

## O Pacto Fraternal de Gênesis revisitado na Literatura Brasileira

Doutoranda Mariana Rocha Santos Costa<sup>1</sup> (UFBA)

### Resumo:

*O presente trabalho tem como objetivo a discussão da representação literária concernente ao pacto fraterno a partir de relatos do livro de Gênesis, e a utilização desse tema na Literatura Brasileira. Os personagens bíblicos eleitos são Esaú e Jacó: o par de irmãos gêmeos que se digladiam no contexto domiciliar, mas que, apesar dos conflitos, tem o elo fraterno restabelecido. Sob esse motivo, refeltem-se as narrativas de Machado de Assis: Esaú e Jacó (2002), escrita no século XIX, e de Milton Hatoum: Dois Irmãos (2000). São essas as obras que adensam este estudo, primando por compreender de que forma os entraves nas relações gemelares entre Pedro e Paulo e Omar e Yaquib se mostram como releitura do embate bíblico, a fim de observar as semelhanças entre esses personagens e aqueles da narrativa judaico-cristã.*

**Palavras-chave:** Pacto, Irmãos, Bíblia, Machado de Assis, Milton Hatoum

## 1 Introdução

Os conflitos entre pessoas ligadas por laços de sangue, a violência perpetrada no lar e as diversas problemáticas que circundam a família sempre forneceram rica matéria à literatura. Neste universo mais amplo, um vasto número de relatos elege a figura dos irmãos. Assim, a literatura é pródiga na exibição de irmãos que se desentendem e criam entre si um ambiente de total hostilidade. Desse desentendimento, a história bíblica de Esaú e Jacó constitui uma representação arquetípica, pois as diversas literaturas apropriam-se desses modelos universais e constituem a partir deles os seus próprios mitos, lendo os tais enredos como representações e comentários de problemas que ocorrem em seu mundo, sua cultura.

As querelas horizontais são bastante recorrentes no livro bíblico de Gênesis, desde o primeiro par de irmãos que são apresentados ao leitor, os quais têm seu fim um tanto funesto. Depois de Caim e Abel podemos ver o par Sara e Agar – não que elas sejam irmãs, mas são irmanadas naquele contexto por serem ambas mulheres de Abraão. O que sustenta esse conflito é a antinomia fertilidade e esterilidade. Sara, a esposa de fato, é estéril, ao passo que Agar, a concubina, é fértil e gera o primogênito de Abraão, Ismael. Posteriormente, por intermédio da ação divina, Sara gera um filho, Isaque. Com o nascimento desse menino, ela expulsa Agar e seu filho das tendas do marido. Isaque e Ismael: novo par de irmãos que se digladiarão nas linhas do primeiro livro bíblico.

A mesma competição entre mulheres pela concepção do descendente que portará o elo com o sagrado se vê repetido entre as esposas de Jacó, as irmãs Léia e Raquel. Embora Léia fosse a primeira esposa, Jacó amava a Raquel. O conflito se estabelece na medida em que as irmãs começam a competir pela preferência do marido com a geração de filhos. Raquel, entretanto, assim como as matriarcas Sara e Rebeca, era estéril. Mas, por intervenção divina, se tornou a mãe dos filhos preferidos de Jacó: José e Benjamin. Dos doze filhos gerados por Jacó, apenas dois eram procedentes da sua esposa amada, e os outros dez eram de Léia, ou das concubinas que ele tinha.

Segundo Wajnbarg (2004), Fertilidade e Primogenitura são os principais causadores dos embates fraternos nesse contexto. A primogenitura simboliza a continuação do pacto de Deus com o homem. Todavia, apesar de ser instituída enquanto lei – já que o primogênito terá naturalmente a

porção maior da alma do pai e prevalecerá sobre seus irmãos – essa lei será incessantemente contestada ao longo do livro: o filho mais jovem sempre será o preferido de Deus.

O caso mais exemplar de tal discórdia na família é, sem dúvida o dos netos de Abraão: Esaú e Jacó. Neste caso dos filhos de Isaque, o embate é perceptível e adensado por uma particularidade em questão. Rebeca fora avisada que em seu ventre, outrora estéril, agora habitam duas nações. Ela dá à luz Esaú e Jacó, gêmeos que diferem não apenas física, mas moralmente. (Gn. 25-33). Entre esses irmãos, no contexto bíblico, há uma aliança natural e misteriosa que determina o compartilhamento do ventre materno: são gêmeos. A cisão, entretanto, tem seu primeiro sinal na aparência: eles são diferentes. Tal desarmonia potencializa-se com as divergências entre as personalidades e as escolhas morais. Os desafios que deverão enfrentar se resumem a dois: refazer o pacto fraterno para, a partir dele, estabelecer alianças que os permitam formar duas nações. Sendo eles os pais fundadores, esses grupos assimilarão suas características e herdarão aqueles desafios que os gêmeos conseguiram enfrentar e vencer.

Depois de inúmeros desentendimentos em casa, como a compra e venda da primogenitura, sucede o maior de todos: Jacó usurpa a benção que seu pai daria ao mais velho. Travestido de Esaú, ele é abençoado por Isaque e, para não enfrentar a fúria do irmão, instigado por sua mãe, ele evade do lar. Ao fugir da presença do irmão colérico, Jacó passa por um estágio de transformações. Ele vai até a casa de Labão, o irmão de sua mãe, casa-se ali, tem filhos e se torna dono de muitas riquezas. Décadas se passam até que Deus o ordena a voltar para reencontrar-se com seu irmão Esaú, o qual, nesse meio tempo, também tinha prosperado. O momento da reconciliação e firmação de um novo pacto era chegado.

Chouraqui (1995) afirma que, como sempre o fizera, até na retomada da aliança fraterna, Jacó agira fria e calculadamente, para aplacar a fúria do irmão gêmeo. Para ser perdoado, ele atua como um vassalo, enviando a Esaú mensagens de paz e presentes abundantes dignos de um rei. Enfrenta, dessa forma, o tempo necessário para que Esaú dissipe todas as intenções fraticidas que tivera no passado.

Antes de se encontrar com o irmão gêmeo, o relato bíblico sofre uma ruptura, para narrar o rito iniciático que prepara Jacó para assumir o seu grande destino. Ele se defronta com um homem – que depois será identificado como Deus ou um mensageiro deste – e luta com ele até o amanhecer. Este combate dá um tom místico à história; de acordo com Chouraqui (1995, p.342), Jacó “não sai incólume, mas vence o adversário graças a sua obstinação. Mesmo que ele e sua descendência devam a partir de então claudicar a via de sua vocação, ele só libera o homem ao preço de sua benção”. A partir daí seu nome é trocado, e ele passa a ser chamado de Israel. Vencer esse obstáculo significava enfrentar os martírios que o retorno ao lar representavam a fim de reaver seu local de origem e se estabelecer numa posição mais elevada que a primeira.

É depois deste evento que os gêmeos se reencontram, abraçam-se, choram e se reconciliam. Jacó põe-se sempre numa posição estratégica de submissão e o pacto é selado. Mas, quando acontece o convite de seu irmão para seguir com ele até sua habitação em Se'ir, declina-o delicadamente e permanece com os seus, indo para outra direção. Jacó torna-se um sedentário, dono de uma casa e muito gado (Gn. 33). Sua volta para o país ancestral se dera com êxito, chegara sem guerra ou conflitos e se instalara pacificamente. Reconciliados, contudo, Esaú e Jacó se separam imediatamente.

O par gêmeo lida com significações historicamente atribuídas a edomitas e a israelitas. Na perspectiva judaica, a cena da venda da primogenitura ilustra as condições espirituais necessárias para um legítimo portador da aliança divina, como reforça Alter no seguinte excerto:

O episódio deixa claro que Esaú não tem as condições espirituais necessárias para ser o veículo da escolha divina, para ser o portador do direito de primogenitura da linhagem de Abraão. Escravo do momento e da tirania do corpo, Esaú não pode tornar-se o genitor do povo a quem se prometeu, num pacto divino, que terá um grande destino histórico a cumprir. O fato de ter vendido seu direito de primogenitura nas circunstâncias que o episódio descreve é por si só uma prova de que não é digno de conservar esse direito (2007, p.76).

Ao contrário do irmão, o ardiloso Jacó é um visionário e está sempre pactuando, propondo acordos, estabelecendo tratados com Deus e com os homens, qualificando-se assim como o verdadeiro portador do direito à primogenitura.

O primeiro desafio que a história bíblica contempla é a recuperação da aliança natural a partir dos sofrimentos e lições impostos pela experiência. Em síntese, Esaú e Jacó, nascidos irmãos, perdem o vínculo fraterno e o recuperam posteriormente.

## **2 Dois Irmãos: De Machado a Hatoum...**

*Dois Irmãos* (2000) é o nome do segundo romance do manauense Milton Hatoum. História narrada por Nael, o filho em busca de um pai. O enredo se centra basicamente no conflito entre os irmãos gêmeos fisicamente idênticos, mas moralmente dissonantes: Yaqub e Omar. A história se passa na cidade de Manaus, em meados do século XX, desenhando um Brasil sob o poderio de uma ditadura militar repressora e uma cidade em processo de desenvolvimento. Os irmãos manauenses retomam não apenas o par fraterno bíblico, mas uma gama de outros escritores que se misturam na tinta do outrora professor de Literatura Milton Hatoum, e um desses nomes é indubitavelmente, Machado de Assis.

Ora, tal influência do Bruxo do Cosme Velho na obra de Hatoum é perceptível não apenas nesse romance, mas em sua obra como um todo; entretanto, em *Dois Irmãos* essa semelhança se concretiza em uma história que é a releitura do penúltimo romance machadiano: *Esaú e Jacó*. Nesse, há o embate fraterno entre Pedro e Paulo, irmãos gêmeos idênticos, filhos de Natividade e apaixonados ambos pela mesma mulher, Flora. Para Gledson (1986, p.187) “os personagens têm um significado especificamente simbólico, independente de sua natureza como pessoas”, os irmãos são antagonistas entre si e vêm de modo mais amplo representar a discórdia do contexto histórico no Brasil durante a travessia do século XIX para o século XX. Assim, Machado se apóia no mítico para estabelecer uma relação com traços fortemente alegóricos na história política do país. Pedro e Paulo, um conciliador, o outro violento, são, em alguma medida, partes de uma humanidade fadada ao conflito sem fim. Como representantes do embate Monarquia x República, são eles duas facetas de uma mesma elite social, cujas querelas superficiais tumultuam, sem de fato conseguir descortinar opções aceitáveis para o país. Segundo Gledson (1986), o que ambos buscavam quando abraçavam as causas políticas não era nada menos que o ‘poder’ – assim, ambos estavam irmanados em um único ideal. Pedro e Paulo não se diferenciam substancialmente.

Embora a Bíblia tenha um papel fundamental na obra machadiana, ela não é a única fonte em que bebe o escritor, e ao longo de toda a narrativa encontram-se resquícios outros e, “entre as principais fontes assim reveladas, [estão] a Bíblia, os gregos, com Homero, Ésquilo e Xenofonte, Dante, Shakespeare e Goethe.” (GOMES, 2006, p.1099). O narrador personagem, que curiosamente escreve em terceira pessoa, o Conselheiro Aires, é uma peça chave na compreensão da trama: titubeando com relação ao título que dará ao romance que escreveu, evoca as figuras de Esaú e Jacó pelo fato de que, como o par bíblico, os filhos de Natividade também brigaram no ventre materno.

Nesses dois romances, a metonímia sugerida no mito bíblico de Esaú e Jacó se faz presente: a família é uma representação alegórica da sociedade, se as coisas não estão bem no seio familiar, elas perpassarão para o plano social, que será inevitavelmente afetado. Para o próprio autor de *Dois Irmãos*, a família se constitui o cerne da obra:

A família sempre foi um dos núcleos dramáticos do romance. O drama familiar é uma de suas grandes vertentes desde o século 18. É o ponto de partida para uma rede de subtemas que o romance insinua: políticos, históricos, urbanos. E é a primeira grande convenção. E também o núcleo menor de uma convenção maior, de um regimento. (Hatoum, 2005).

O romance *Dois Irmãos* alude claramente à matriz bíblica, não apenas à saga dos gêmeos Esaú e Jacó, mas à toda temática de ruptura do pacto fraterno encetada no cenário de Gênesis; o texto de Hatoum cita diretamente esse motivo quando mostra o desgosto de Zana, a mãe dos gêmeos, com a situação de completa discórdia entre os seus filhos. “Não queria morrer vendo os gêmeos se odiarem como dois inimigos. Não era a mãe de Caim e Abel. Ninguém havia conseguido apaziguá-los, nem Halim, nem as orações, nem mesmo Deus.” (HATOUM, 2000, p.227-8). A mãe escreve ao filho preterido pedindo-lhe perdão pelos erros cometidos, por ter-lhe causado tamanha dor, por se sentir culpada pela amargura de Yaqub; mas na lacônica carta resposta, o filho não responde nem sim, nem não ao pedido de perda honesto da mãe, e novamente alude ao derramamento de sangue bíblico na imagem do fratricídio de Caim. “Oxalá seja resolvido com civilidade; se houver uma violência, será uma cena bíblica. (...) No entanto, a menção da Bíblia deixou-a mais preocupada.” (HATOUM, 2000, p.228-9).

Nesse momento, o par gêmeo dissonante tomado como exemplo não é Esaú e Jacó, pois estes apontam, na Bíblia, para um restabelecimento da aliança fraterna; ao passo que Caim e Abel são o par de rivalidades por excelência: a morte de Abel e a marca de Caim denotam a impossibilidade de reestruturação familiar no clã do primeiro homem. A primeira família na mitologia judaico-cristã constituída por Adão, Eva e seus filhos já traz em seu bojo o peso da impossibilidade do pacto fraterno: os dois primeiros irmãos da humanidade se digladiando pela preferência divina; e aquele que é preterido, por não se conformar, mata o outro, por inveja, ciúmes.

O derramamento de sangue inaugural na Bíblia Hebraica é um fratricídio, delineando logo a possível radicalidade dos conflitos entre irmãos. Ora, essa simples constatação já nos dá o que pensar. Aqui a violência irrompe essencialmente ligada à fraternidade. Diferente mesmo da teoria psicanalítica, que erige o conflito edípico – os desejos de morte de filho ou filha dirigidos aos pais – como o nó fundamental da psique humana, a Bíblia Hebraica parece se estruturar numa visão de conflito horizontal, isto é, entre elementos da mesma geração. (WAJNBERG, 2004, p.72).

Os irmãos bíblicos se digladiam pelo amor de Deus. Todos eles buscam ser o portador do elo entre o divino e o humano. Com a morte do amado Abel, Deus dá outro filho ao primeiro casal: Seth – e esse é o portador da aliança. Todos os outros pares rivais bíblicos procuram estabelecer esse vínculo com o celestial, e é a figura do irmão que dificulta esse elo, eis a razão pela qual as brigas se dão. Mas, no contexto do romance, tal centelha de busca do divino é apagada; o ser humano fragmentado quer recompor sua unidade e na construção do seu eu, o processo psicanalítico freudiano propõe o supracitado complexo de Édipo, e essa sim é a força motriz dos entraves nas relações entre os gêmeos, tanto machadianos, e em maior amplitude, Omar e Yaqub.

Na trama de Machado de Assis, as disputas entre Pedro e Paulo pela atenção da mãe evocam um latente complexo de Édipo em ambos que, ainda crianças brigavam por saber que para amainar o combate, a mãe viria abraçá-los, pedindo que tal não mais acontecesse, e os levaria a passear, como o seguinte trecho ilustra: “De noite, na alcova, cada um deles conclui para si que devia os

obséquios daquela tarde, o doce, os beijos e o carro, à briga que tiveram, e que outra briga podia render tanto ou mais.” (ASSIS, 2002, p.49).

Além dessa fixação pela figura da mãe, o amor que os gêmeos Pedro e Paulo dedicam à Flora, que morre por não poder escolher entre ambos, e a impossibilidade de reconciliação e restabelecimento do pacto fraterno – são a fonte para a composição dessa intrincada teia, a qual se pode ver posteriormente espelhada em alguns personagens de Hatoum, nesse segundo romance os personagens estarão envolvidos numa atmosfera ainda mais densa de ciúmes, inveja, complexo edipiano, incesto e ódio.

O ressentimento de Yaqub não é outro senão ter-se visto banido da presença da mãe porque ela preferia o filho caçula. O exilado do amor de Zana “não tinha perdoado a agressão do irmão na infância, a cicatriz. Isso nunca tinha saído da cabeça dele. Jurou que um dia ia se vingar.” (HATOUM, 2000 p.125). O ódio que Yaqub nutria era uma revolta porque a figura envolvente da mãe fora-lhe violentamente tirada: a pequena porção de Zana que lhe cabia era dada ao caçula, e ele sentia a frustração de saber-se menosprezado por aquela a quem ele tanto amava. “Omar, por um lado, corteja a mãe e a irmã, numa relação que beira o incesto, e por outro exhibe-se e provoca constantemente o pai. Yaqub sente ciúmes da mãe, mas é incapaz de lutar efetivamente por ela ou para despertar uma reação efetiva do pai em seu favor.” (FREIRE, 2006, p.190).

Omar e Yaqub, bem como Pedro e Paulo, podem corresponder aos míticos heróis bíblicos Esaú e Jacó: o embate é sempre no plano da violência contra a astúcia. Esaú, caçador, ignorante e rude se assemelha a Pedro, monarquista e colérico e a Omar, vândalo e caçador de brigas. Jacó é o irmão astuto, que trava suas brigas no campo da racionalidade, como se dá com Paulo, republicano e advogado, que sabe lidar com as situações sem apelar para a força bruta; iguais a eles, Yaqub, engenheiro, matemático e calculista.

## **Conclusão**

Diferentemente da narrativa bíblica, que demonstra o poder da atuação de Deus em seu povo, ilustrado com a reconciliação quase milagrosa entre Esaú e Jacó, os pares gêmeos na literatura moderna estão sempre fadados ao conflito eterno: não há possibilidade de reconciliação entre os irmãos machadianos que juram no leito de morte da mãe ser amigos, e até o tentam... não há alternativa para os gêmeos de Hatoum, que já nasceram propensos à se indispor.

Na modernidade, a imagem especular no outro entrava uma total consciência de si, devendo o homem empreender uma longa jornada para o encontro da sua essência que não foi cindida. A duplicação de um mesmo ser acarreta problemas de íntima ordem psicológica, gerando conflitos de identidade, pois há um mesmo corpo que se repete, dando a impressão de que um está sempre a mais. “O duplo se torna, então, uma etapa importante no caminho da busca, representa paradoxalmente ao mesmo tempo o que permitiria alcançar o objetivo e também o que entrava o eu” (BRAVO, 2005, p.275). Para Pedro e Paulo e Omar e Yaqub, fica difícil perdoar os respectivos irmãos na medida em que se sentem usurpados de uma outra metade que, supostamente lhes caberia.

## **Referências Bibliográficas**

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Trad. Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ASSIS, Machado de. *Esaú e Jacó*. São Paulo: Nova Cultural, 2003.

BÍBLIA. Português. *Bíblia sagrada*. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

BRAVO, Nicole Fernandez. *Duplo*. In: BRUNEL, Pierre (org). Dicionário de Mitos Literários. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CHOURAQUI, André. *A Bíblia: No princípio*. Trad. Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FREIRE, José Alonso Torres. *Entre construções e ruínas: Uma leitura do espaço amazônico em romances de Dalcídio Jurandir e Milton Hatoum*. 2006. 235f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Orientador: Prof. Dr. Antonio Dimas.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. *Cinzas que queimam: Escritor manauense Milton Hatoum lança terceiro romance*. Entrevista concedida a Julian Fuks. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 13.08.2005.

GLEDSON, John. *Esaú e Jacó*. In: \_\_\_\_\_. *Machado de Assis: ficção e história*. Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GOMES, Eugênio. *O testamento estético de Machado de Assis*. In: ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2006.

WANJBERG, Daisy. *O gosto da glosa: Esaú e Jacó na tradição judaica*. São Paulo: Humanitas, 2004.

---

**i Mariana COSTA, Doutoranda**  
Universidade Federal da Bahia (UFBA)  
Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura  
maryrochas@gmail.com